

3

Rastros da literatura astrológica helenística – revisão bibliográfica

Literatura é telepatia com todo um passado.
As obras são variantes de todas as obras anteriores.
Não é o indivíduo que faz literatura, é a humanidade.
Paulo Leminski, *Anseios críticos*

Dentre as *Ficções* do escritor Jorge Luis Borges, “Pierre Menard, autor de Quixote” destaca-se no acervo de imagens literárias apropriadas pelos Estudos da Tradução, como no livro *Oficina de tradução*, da pós-estruturalista Rosemary Arrojo, que parte daí para definir o conceito de palimpsesto: “texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do ‘mesmo’ texto” (Arrojo, 1986, p. 23). Por isso, apesar de não ser um conceito *stricto sensu*, essa imagem borgiana dos textos que se sobrepõem ao longo do tempo, como camadas arqueológicas, também estará presente nesta tese, tendo em vista que complementa de maneira eloquente a trama histórica que aqui se tece. Menard é um autor-tradutor que deseja uma fidelidade total. Nesse sentido, para ele, crítica, tradução e leitura não deveriam interpretar ou ir além do original. O problema é que ele, como poeta e tradutor, também produzia versões. No entanto a estratégia de Menard para reescrever o *Quixote* na íntegra, sem interpretar ou traduzir – pois ele não queria outro *Quixote* –, é tornar-se Cervantes e repetir o texto estrangeiro sem deixar de ser ele próprio, protegendo o sentido original. Mas a surpresa é que, apesar de repetir *ipsis literis* o texto de Cervantes, o sentido é outro, já que é outro o contexto. Parece uma caricatura da teoria de tradução tradicional, que se baseia numa concepção essencialista de linguagem, postulando ser possível delimitar o significado de uma palavra ou texto fora do seu contexto. Ou seja, nem mesmo repetir as palavras garante a recuperação da totalidade do original, pois a sua interpretação é feita por leitores (o reescritor é, antes de tudo, um leitor) sob diversas perspectivas. Daí a pertinência das palavras de Leminski: “não é o indivíduo que faz literatura, é a humanidade”. No final do conto, Borges diz que “é lícito ver no Quixote ‘final’ uma espécie de palimpsesto no qual devem transparecer os rastros – tênues mas não indecifráveis – da ‘prévia’ escritura de nosso amigo” (Borges, 1974, p. 450). E é justamente esta a imagem do

Tetrabiblos hoje: um palimpsesto e seus rastros. Rastros que seguimos para compor esta tese.

3.1

O processo de restauração do cânone astrológico helenístico

O maior problema desta tese, cujo objetivo geral é examinar a transmissão do *Tetrabiblos* da Antiguidade ao Renascimento, são as fontes bibliográficas sobretudo primárias, mas também secundárias. Como já foi dito na apresentação, não encontramos nenhum trabalho específico sobre a história da tradução astrológica, mas sim uma grande e variada bibliografia de histórias da tradução, da astrologia e da ciência a serem interligadas. Neste capítulo traçaremos um mapa dessa bibliografia e das suas conexões.

A literatura astrológica helenística começou a ser “desencavada” no final do século XIX por um grupo de acadêmicos comandados por Franz Cumont, titular da cadeira de Instituições Romanas da Universidade de Ghent, na Bélgica, até se aposentar em 1910. Cumont conduziu explorações arqueológicas na Ásia Menor e no norte da Síria, sendo reconhecido como grande autoridade em astrologia grega e mitraísmo. Desse grupo destacaram-se também os alemães Franz Boll, professor de Filologia Clássica na Universidade de Heidelberg, e Wilhelm Kroll, também filólogo. Ao longo de aproximadamente 50 anos, todos os textos astrológicos helenísticos “enterrados” em bibliotecas e coleções do mundo inteiro foram reunidos nos doze volumes do *Catalogus Codicum Astrologorum Graecorum*. O CCAG é onde se encontram as edições críticas em grego, que foram examinadas, comentadas em latim e editadas por esse grupo. Esse catálogo tem sido objeto de investidas cada vez mais frequentes da história da ciência. A comunidade astrológica, no entanto, pouco tem se beneficiado com essa preciosidade, principalmente pelas dificuldades linguísticas, já que uma edição crítica não necessariamente é editada com sua tradução. Trata-se, na verdade, do produto final do trabalho de um especialista que se debruça sobre todos os manuscritos e impressos disponíveis da obra em questão, examinando-os e comparando-os cuidadosamente, a fim de chegar a um texto que seria o mais próximo do original. A edição crítica é, portanto, uma reescrita.

Franz Boll foi também o responsável pela edição sobre Ptolomeu da *Bibliotheca scriptorum graecorum et romanorum teubneriana* e por uma série de estudos sobre o *Tetrabiblos* desde o fim do século XIX até a primeira metade do século XX. Dentre eles, destaca-se o *Studien über Claudius Ptolemäus*, muito citado em todos os textos sobre o *Tetrabiblos*, inclusive nas edições críticas de Robbins e Feraboli. Franz Cumont, além de ser o iniciador do projeto CCAG, escreveu várias obras sobre as formas de divinação no mundo antigo, dentre elas a astrologia.³³ Destacam-se *Astrology and religion among the Greeks and Romans* e *L'Égypte des astrologues*, também muito citadas nas edições críticas.

É interessante registrar que esse trabalho de catalogação do CCAG começou num momento em que a astrologia estava completamente fragmentada e misturada com outros saberes, tendo sobrevivido basicamente na forma de almanaques rurais, ou seja, por via popular. Mas isso não era novidade, já que, desde o Império Romano, pelo menos, é possível detectar essas duas vias da astrologia, uma erudita e uma popular (Fuzeau-Braesch, 1990, p. 54). O problema é que a chamada “via erudita” perdeu seus parâmetros a partir do advento da ciência moderna, tornando-se praticamente improdutiva. Nesse sentido, o objetivo desse grupo era estudar um sistema obsoleto, cujo conteúdo não apresentava nenhum interesse prático para eles, tratava-se apenas de revelar o caráter divinatório que a astrologia envolvia. Para não serem desacreditados na comunidade acadêmica, já que seu objeto de estudo não era considerado científico, chegavam a fazer comentários pejorativos. Auguste Bouché-Leclercq, por exemplo, professor na Faculdade de Letras de Paris, que publicou em 1899 o seu influente *L'astrologie grecque* com as mesmas intenções do grupo do CCAG, faz comentários como: “a astrologia uma vez morta – como eu acho que ela está” (Bouché-Leclercq, 1979, p. 11) e “eu constato de bom grado, e até com prazer, que pouca gente se preocupa hoje com a astrologia” (ibid., p. 12).

Além dos nomes já citados, destaca-se também nessa empreitada de “redescoberta” da astrologia helenística o matemático e historiador da ciência austríaco-americano O. Neugebauer. Ele lecionou na Brown University e em

³³ Apesar de, nesta tese, estarmos destacando o viés científico da astrologia, não há que se estranhar o seu enquadramento como forma de divinação. Ao contrário, como já dissemos antes, ciência e religião estavam ligadas no mundo antigo. Trata-se, pois, de uma outra noção de ciência. A filosofia estoica, que teve grande repercussão no período helenístico, dividia-se em física, ética e lógica, mas a teologia, por exemplo, era estudada no âmbito da física, afinal, os deuses estavam na *physis*, ou seja, eram parte da natureza, portanto objeto da física.

Princeton, e publicou, entre vários outros livros, *The exact sciences in Antiquity* (1957) e *Greek horoscopes* (1959), sendo esse último, que é um catálogo de mapas astrológicos extraídos em grande parte do CCAG, em co-autoria com H. B. van Hoesen. Na introdução do *Greek horoscopes*, os autores também tentam não se comprometer com o seu objeto, afirmando que o objetivo do livro era apenas astronômico, ou seja, “disponibilizar para estudo os horóscopos gregos como um grupo, que poderiam refletir pelo menos algumas das técnicas correntes da astronomia grega” (Neugebauer; Hoesen, 1959, p. vii).

O americano Lynn Thorndike, que se aposentou em 1950 como professor da Columbia University, é referência importante na história da ciência medieval, tendo se debruçado mais de 30 anos sobre textos e manuscritos antigos não só de astrologia, mas de várias áreas que tangenciam a ciência. Sua principal obra é *History of magic and experimental science*, mas é de fato impossível estudar a história da ciência antiga e medieval sem se deparar com uma série de artigos, textos e livros de Thorndike, como o “The true place of astrology in the history of science” (1955). Seu aluno, Richard Lemay, publicou, em 1962, *Abu Ma’shar and Latin Aristotelianism in the twelfth century*, que revela as conexões da filosofia natural de Aristóteles com a astrologia árabe medieval. Um artigo de Lemay sobre a astrologia medieval, “The true place of astrology in medieval science and philosophy: towards a definition”, além de explicitar no título a sua ligação com Thorndike, também nos dá informações preciosas sobre o destino de várias obras antigas que foram traduzidas no medievo. Esse artigo veio à luz numa obra coletiva sobre história da astrologia, organizada em 1987 por Patrick Curry, *Astrology, science and society: historical essays*, publicada pela editora britânica The Boydell Press.

Mais recentemente, destaca-se também David Pingree, sucessor de Neugebauer na cadeira de História da Matemática na Brown University, com suas diversas contribuições sobre a tradição astrológica desde a Mesopotâmia. Sua tese de doutorado, defendida em 1960, foi sobre a transmissão da astrologia helenística na Índia. Um de seus textos que aqui será citado é o “From Alexandria to Baghdad to Byzantium. The transmission of astrology” (2001). Pingree foi também o responsável pela tradução do árabe para o inglês do *Carmen Astrologicum*, de Dorotheus de Sidon, escrito em grego no século I da nossa era. No prefácio dessa tradução faz-se menção à participação ativa dos tradutores

persas e árabes, que teriam incorporado ao texto de Dorotheus conceitos da astrologia árabe, só desenvolvida na Idade Média. Ou seja, os tradutores medievais inseriram na obra de Dorotheus conceitos que não existiam na astrologia helenística.

Alguns bons livros de história da astrologia foram publicados nos últimos vinte anos e merecem ser mencionados: *A history of Western astrology*, do professor de Cultura Clássica da Universidade de Bristol, Jim Tester (1987); *Astrologia*, da bióloga francesa, Suzel Fuzeau-Braesch (1989); *Ancient astrology*, da historiadora inglesa Tamsym Barton (1994); *A history of horoscopic astrology*, do astrólogo americano James Herschel Holden (2006); e *História da astrologia*, do professor de História da Filosofia Hermética na Universidade de Amsterdã, Kocku von Stuckrad (2007). Além disso, destacam-se a série de artigos sobre astrologia helenística do filólogo da Universidade da Califórnia, Mark Riley (1987; 1988, 1995; 2000); e o artigo “A influência de Aristóteles na obra astrológica de Ptolomeu (*O Tetrabiblos*)” do historiador da ciência da Unicamp, Roberto Martins (1995). Todos se mostram comprometidos com os mesmos princípios desta tese, ou seja, um olhar crítico para a astrologia, mas também atento aos seus encontros e desencontros com a filosofia e a ciência. Por outro lado, no início do século XX, independentemente desse trabalho acadêmico de reconstituição dos textos antigos, a prática astrológica começava a juntar os fragmentos do que restara de dois séculos de ostracismo, revigorando-se no âmbito do movimento teosófico.

A teosofia pretendia recuperar ou armazenar todo o conhecimento antigo, responder às grandes questões da vida e promover uma reunião fraterna da humanidade. Iniciado pela polêmica Madame Blavatsky, que nasceu na Ucrânia em 1831 mas viveu boa parte de sua vida viajando pelo mundo, sendo instruída por mestres espirituais e escrevendo seus livros (dos quais se destacam *Ísis sem véu* e *A doutrina secreta*), esse movimento é uma mistura de doutrinas orientais e de mistério. Blavatsky instalou a Sociedade Teosófica Europeia em Londres (1890), onde faleceu em 1891. A Sociedade Teosófica agregou vários estudiosos insatisfeitos com as respostas dogmáticas do modelo de ciência que se formava. Destacam-se inicialmente os astrólogos ingleses Alan Leo e Sefpharial. Mais adiante, aproximando a astrologia da psicologia, e ainda dentro do contexto teosófico, aparecem os americanos Marc Edmund Jones e Dane Rudhyar, grandes

influências da astrologia praticada hoje no mundo ocidental, sobretudo a astrologia humanista de Rudhyar.

Os dois movimentos foram paralelos e ignoraram um ao outro até os anos 80 do século passado, quando alguns astrólogos e estudiosos da astrologia espalhados pelo mundo inteiro começaram a retomar o fio da meada da tradição astrológica. Além de alguns grupos de tradução, especialmente nos EUA e na Espanha, há também diversos grupos de estudos e divulgação da astrologia helenística nos mais variados cenários do mundo, inclusive no Brasil e em Portugal, muitas vezes integrados ao ambiente acadêmico, com artigos e teses de mestrado e doutorado nas mais distintas áreas do saber.

É importante registrar aqui também os trabalhos desenvolvidos no âmbito dos projetos Hindsight (www.projecthindsight.com) e Cura (<http://cura.free.fr/>). O primeiro é um projeto que começou em 1993, nos EUA, tendo como um de seus objetivos traduzir (para o inglês) e interpretar os textos astrológicos da tradição ocidental, mais precisamente do período helenístico. Os estudiosos do projeto Hindsight partem do princípio de que a astrologia ocidental só se constituiu de maneira coesa nesse período, e passaram a chamar esse sistema astrológico helenístico que estava, e ainda está, sendo reconstituído, de Sistema Hermes. Esse projeto tem se mostrado uma fonte bastante confiável para a pesquisa dos textos em questão. O Cura, por sua vez, é um site francês, cujo principal objetivo é divulgar estudos acadêmicos sobre a astrologia, incluindo a disponibilização de textos antigos em formato digital. Além desses, há também atualmente outros projetos de estudo, divulgação e tradução de textos helenísticos e medievais: Gracentro (<http://www.gracentro.com/>) e Escuela de Traductores de Sirventa (<http://www.geocities.com/Athens/Atrium/5989/index2.html>). ARHAC e Ascella são duas editoras que publicaram alguns textos antigos importantes, mas que, aparentemente, interromperam sua produção. Apesar disso, para Chris Brennan, membro de um grupo que se formou nos EUA a partir do projeto Hindsight, e autor do artigo “The rediscovery of Hellenistic astrology in the modern period” (Brennan, 2008), esse movimento de tradução atual é comparável aos movimentos de tradução no período medieval.

Em Portugal destacam-se a Editora Sadalsuud, que está produzindo traduções indiretas de textos antigos para o português (tendo como base as traduções já existentes em inglês), como o *Tetrabiblos* de Ptolomeu (tradução de

Robbins), *Matheseos libri VIII* de Firmicus, e *Carmen astrologicum* de Dorotheus de Sidon (<http://www.bibliotecasadalsuud.com/>); e a Academia de Estudos Astrológicos, que oferece um curso que se propõe a ser investigativo, em moldes acadêmicos e com dedicação à astrologia tradicional. Dos três títulos publicados por eles pela Editora Pergaminho, *Vamos falar de astrologia* (2003), *Astrologia real – a história de Portugal à luz da astrologia* (2004) e *Tratado das esferas* (2007), esse último, que, segundo o site da Academia, “é o primeiro livro inteiramente dedicado à Tradição Astrológica em língua portuguesa e escrito em função das necessidades pedagógicas dos estudantes actuais”, é o que serve de material de apoio do curso, que recentemente ganhou uma versão on-line em 12 aulas (<http://www.academiadeastrologia.com/>).

Na América Latina encontramos também algum movimento em torno de um estudo mais aprofundado da astrologia, incluindo-se aí a astrologia helenística, com eventos e publicações regulares no Brasil, Uruguai, Chile, Peru e Argentina, como os congressos anuais da Unipaz-Sul, em Porto Alegre, do Sinarj, no Rio de Janeiro, da Escola Gaia, em São Paulo, Gente de Astrología, em Buenos Aires, e Inkal, no Peru. Até um site bilíngue, <http://www.tambores-de-america.org/>, já foi engendrado dessa integração latinoamericana. Além disso, destacam-se outras boas publicações on-line de astrologia, como a brasileira Constelar, <http://www.constelar.com.br/>, e a argentina Gente de Astrología, <http://www.gente-de-astrologia.com.ar/>, essa última editada pelos organizadores do já mencionado congresso de mesmo nome.

3.2

A produção bibliográfica sobre astrologia no meio acadêmico

Parece relevante mencionar a instituição de alguns cursos universitários, por exemplo, o Kepler College, nos EUA, autorizado a oferecer bacharelado e mestrado em estudos astrológicos desde julho de 2000, e a Faculty of Astrological Studies, fundada em 7 de junho de 1948, em Londres. No Brasil, em 2004, foi criado um Curso de Astrologia para Pesquisadores (Escola de Extensão da Universidade de Brasília), que, em 2005, promoveu o Primeiro Encontro Nacional de Astrologia, que não teve continuidade. De maneira geral, a astrologia no Brasil tem sido objeto de cursos livres, às vezes cursos de formação ou extensão,

normalmente tendo à sua frente a figura de um ou dois astrólogos renomados. Além disso, teses de doutorado e dissertações de mestrado sobre a astrologia têm sido escritos nos mais variados departamentos universitários em diversas partes do mundo. Só para ilustrar:

- Em 1979, Jacques Halbronn defendeu a tese *La problématique astrologique chez les principaux penseurs juifs du Moyen Age espagnol*, na Université de Paris III;
- Em 1987, Sheila Rabin defendeu a tese *Two Renaissance views on astrology: Pico and Kepler*, na City University of New York;
- Em 1987, Patrick Curry defendeu a tese *The decline of astrology in early modern England (1642-1800)*, no University College of London;
- Em 1993, Patrice Guinard (idealizador do site CURA) defendeu a tese *L'astrologie: Fondements, Logique et Perspectives*, na Université de Paris I;
- Em 1994, Elizabeth Jerram defendeu a dissertação de mestrado, *An astrological theory of personality*, na Open University (UK);
- Em 1995, Susana Burgueño Arjona defendeu a tese de doutorado *El saber astrológico a finales del siglo XV em la Universidad de Salamanca*, na Universidad de Salamanca;
- Em 2001, Elisabeth Teissier defendeu a tese *Situation épistémologique de l'astrologie à travers l'ambivalence fascination/rejet dans les sociétés postmodernes*, na Université de Paris V.

No Brasil, a discussão acadêmica sobre a astrologia ainda é incipiente, mas foi possível identificar alguns trabalhos:

- Dissertação de mestrado de Luís Rodolfo Vilhena, da UFRJ, que deu origem ao livro *O mundo da astrologia – um estudo antropológico* (Vilhena, 1990);
- Dissertação de mestrado de Adriana Venuto, da UFMG, *A astrologia como um campo profissional em formação: uma análise sociológica sobre o processo de institucionalização do campo profissional da astrologia*, defendida em 1998;
- Dissertação de mestrado de Dimitri Camiloto, da UFRJ, *Divinação, mercado e modernidade*, defendida em 2000;

- Dissertação de mestrado de Adalgisa Botelho da Costa, da PUC/SP, *O Repertório dos Tempos de André do Avelar e a astrologia em Portugal no século XVI*, defendida em 2001;
- Dissertação de mestrado de José Celório, da UEM, *A educação medieval e a filosofia em Tomás de Aquino: elementos para compreensão de uma astrologia cristã*, defendida em 2004;
- Tese de doutorado de Juliana Mesquita Hidalgo Ferreira, da PUC/SP, *O estudo dos céus e suas linguagens: a transição do erudito ao popular na astrologia inglesa no século XVII*, defendida em 2005;
- Tese de doutorado de Maria Elisabeth de Andrade Costa, da UFRJ, *O sistema astrológico como modelo narrativo*, defendida em 2005.
- Dissertação de mestrado de Cristina de Amorim Machado, da PUC-Rio, *A falência dos modelos normativos de filosofia da ciência – a astrologia como um estudo de caso*, defendida em 2006.
- Dissertação de mestrado de Angélica Ferroni, da PUC-SP, *Cosmologia e astrologia na obra astronômica de Marcus Manilius*, defendida em 2007.
- Tese de doutorado de Aléxia Teles Duchowny, da UFMG, *De magia (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library): edição e estudo*, defendida em 2007;
- Tese de doutorado de Márcia Helena Alvim, da UNICAMP, *Dos céus e da terra: astrologia judiciária e descrição da superfície terrestre nos relatos missionários da Nova Espanha do século XVI*, defendida em 2007.

3.3

Literatura especializada

A literatura astrológica contemporânea aproxima-se em grande parte das edições de autoajuda, afastando-se cada vez mais da literatura científica, além de também perder seu caráter tradicional. Com isso, por não haver propriamente uma bibliografia sobre a tradução astrológica, o material para esta pesquisa contou com os recursos oferecidos pelas histórias da astrologia, da ciência e da tradução.

Apesar de não haver propriamente uma literatura especializada, é possível delimitar uma bibliografia básica para este trabalho. Além do *Tetrabiblos* em suas diversas versões atuais, há também os paratextos que acompanham as edições,

como é o caso das introduções de F. E. Robbins (1940), Simonetta de Feraboli (1989), Demetrio Santos (1987), André Barbault (1986) e J. M. Ashmand (1822). Ademais, há alguns estudos sobre o *Tetrabiblos*, publicados por especialistas em livros e artigos de história da ciência ou da astrologia, como é o caso dos já mencionados artigos “A influência de Aristóteles na obra astrológica de Ptolomeu (O *Tetrabiblos*)”, de Roberto Martins (1995); “Science and Tradition in the *Tetrabiblos*”, “Theoretical and practical astrology: Ptolemy and his colleagues” e “Ptolemy’s use of his predecessors’ data”, de Mark Riley (1987;1988;1995); e dos também já mencionados livros *L’astrologie grecque*, de Bouché-Leclercq (1899), *Ancient astrology*, de Tamsym Barton (1994), e *Astrologia*, de Fuzeau-Braesch (1990). Todos esses estudos do *Tetrabiblos*, exceto o de Bouché-Leclercq, que lhe é anterior cronologicamente, baseiam-se na edição crítica de Robbins. Encontramos também algumas menções gerais à tradução de textos astrológicos em livros de história da tradução, como é o caso de *Tradutores na história*, de Jean Delisle e Judith Woodsworth (2003).

A primeira fonte de inspiração para esta tese foi o livro *Greek thought, Arabic culture*, do professor de Língua e Literatura Árabe da Yale University, Dimitri Gutas (1998). É um estudo historiográfico sobre o movimento de tradução em Bagdá nos séculos VIII, IX e X, no qual se destaca o papel da astrologia como seu carro-chefe. Nesse livro é mencionado o percurso de todas as obras astrológicas helenísticas, fundamental para apoiar esta pesquisa. Outra fonte de inspiração, apesar de ficcional, foi o filme *O destino*, já mencionado, que, entre outras coisas, mostra as dificuldades de fazer circular o conhecimento na Idade Média. Apesar de nada ter a ver com tradução astrológica, esse filme nos instiga a pensar sobre vários temas importantes, como a intolerância religiosa, as relações de poder que estão implicadas na ciência e na sua transmissão, incluindo-se aí a tradução como uma forma de transmissão, além da própria contingência da história da ciência, tendo em vista as perdas (e ganhos) que vão se acumulando ao longo do tempo. No filme, por exemplo, além de testemunharmos a obra de Averróis sendo queimada em praça pública, vemos uma *Metafísica*, de Aristóteles, entre várias outras obras escritas, traduzidas e comentadas por Averróis, sendo levadas pela correnteza de um rio, após uma tentativa frustrada de salvá-las. Decerto que, no domínio da ficção, seria possível citar vários outros textos que rondam o imaginário desta tese, como *O nome da rosa*, de Umberto

Eco, *A história do cerco de Lisboa*, de José Saramago, e *Ficções*, de Jorge Luís Borges, lembrando-nos sempre que “a literatura pensa”.

O livro *Science in translation: movements of knowledge through cultures and time*, do geólogo, escritor e tradutor, Scott Montgomery (2000), é um dos poucos nos Estudos da Tradução a lidar com a tradução científica, especialmente com a astronomia, e, como o título sugere, preocupa-se com a transmissão – pela via de tradução – do conhecimento ao longo do tempo/espço. *La traduction al'èpoque Abbasside*, de Myriam Salama-Carr (1990), da Escola de Línguas da Universidade de Salford, assim como o livro já mencionado de Gutas, contempla o movimento de tradução na primeira metade da Idade Média. Outros títulos fundamentais dos Estudos da Tradução para este trabalho são: *Negotiating the frontier: translators and intercultures in Hispanic history*, de Antony Pym (2000) e *Historia de la traducción em España*, organizado por Lafarga & Pegenaute (2004), especialmente no que diz respeito à farta tradução científica que ocorreu na Espanha na segunda metade da Idade Média.

Em termos de repercussão de práticas tradutórias e astrológicas no período das Grandes Descobertas, o que nos despertou inicialmente para essa questão foi o livro *Ciência, astrologia e sociedade: a teoria da influência celeste em Portugal (1593-1755)*, do historiador do Museu da Ciência de Lisboa, Luis Miguel Carolino, de onde partimos para uma série de outros textos com os quais foi possível conectar tradução, astrologia e expansão marítima. Só para citar alguns: “Astrologia em Portugal antes da época dos descobrimentos”, de Luís de Albuquerque (1961); “L’astronomie dans la Peninsule Ibèrique à la fin du Moyen Âge” (1969), de Guy Beaujouan; “Astrologia e sociedade no século XVI: uma primeira abordagem”, de Francisco Bethencourt (1981); e a obra fundadora dos estudos que conectam a tradição astrológica à astronomia náutica portuguesa, *L’astronomie nautique au Portugal à la époque des grandes découvertes* (1912), de Joaquim Bensaude.

Por meio dessas e de outras fontes portuguesas, chegamos também aos seguintes textos: a “Introdução”, do historiador da UFRJ Carlos Camenietzki (1991), que se encontra na tradução do *Tratado da esfera*, de Johannes de Sacrobosco, feita por Pedro Nunes (1502-1578), cosmógrafo do rei D. João III; e a própria introdução de Pedro Nunes, “Ao sereníssimo e excelentíssimo príncipe o infante Dom Luís”, onde, com um discurso favorável à tradução como divulgação

científica, Nunes se inscreve para sempre na história da tradução; no *Leal Conselheiro*, escrito pelo rei D. Duarte, no século XV, também se encontra uma pérola da história da tradução, “Da maneira para bem tornar alguma leitura em nossa linguagem”, onde encontramos uma teorização da tradução anterior às que de maneira geral são consideradas pioneiras, como as de Etienne Dolet (século XVI) e John Dryden (século XVII), que foram mais prestigiadas por terem sido produzidas em línguas e sistemas hegemônicos, o que decerto não era o caso da língua portuguesa. Além disso, na própria *Crónica geral de Espanha* (século XIV), obra fundadora da literatura e da historiografia portuguesas, encontram-se referências à prática tradutória, em “Das escrituras que o rei D. Afonso mandou tirar em linguagem...”. D. Afonso X, rei de Leão e Castela, era avô do rei português D. Dinis.

O *Esmeraldo de situ orbis*, do navegador português Duarte Pacheco Pereira (século XVI), nos interessa por dois motivos principais. Primeiro, porque foi lá que vimos pela primeira vez o já discutido termo “astrolomia”, usado nesta tese para definir a prática astronômico-astrológica da antiguidade até o advento da ciência moderna; segundo, porque ele se inspira no *De situ orbis*, escrito pelo geógrafo latino, Pompônio Mela, no século I. Além de ser contemporânea do *Tetrabiblos*, essa obra foi traduzida por uma figura importante na expansão marítima, o astrôlogo João Faras, o primeiro homem de ciência a botar os pés no Brasil. Foi ele quem descreveu a constelação do Cruzeiro do Sul numa carta para o rei D. Manuel, que se tornou um dos três únicos documentos que testemunham o achamento do nosso país.

Outros historiadores da ciência portugueses do século XX que também informaram deveras esta tese são Joaquim Barradas de Carvalho, especialmente em sua obra *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no Esmeraldo de situ orbis*, Joaquim de Carvalho, Rómulo de Carvalho, J. S. da Silva Dias, Artur Moreira de Sá e Manuel Sousa Ventura. Juntando essas e outras peças, e com a preciosa ajuda de historiadores da ciência, da tradução e da língua portuguesa aqui no Brasil e em Portugal, saltou aos olhos a presença de astrôlomos na expansão marítima, quer seja como especialistas em equipamentos e tabelas astrolômicas ou como tradutores de textos científicos.

Para explicitar essa investigação, foi necessário um período de imersão em algumas bibliotecas portuguesas e espanholas, sobretudo as seguintes: Biblioteca

Nacional de Portugal, Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Biblioteca Nacional de España e Biblioteca General de la Universidad de Salamanca.

3.4

As edições críticas do *Tetrabiblos*

Fundamentais nesta pesquisa, que se propõe a examinar a tradição textual da obra astrológica de Ptolomeu, foram as informações oriundas dos paratextos, principalmente das edições críticas do *Tetrabiblos* (Robbins, 2001 [1940]; Feraboli, 1989). Surgiu daí um esclarecimento maior sobre as práticas tradutórias de cada época em que se escolheu traduzir esse e outros textos astrológicos, as interações com o contexto que as produziu, além das motivações e dos impactos teórico e político das diferentes traduções, considerando-se sempre o papel da tradução na transmissão do conhecimento entre as diversas culturas e as modificações que se adicionaram ou subtraíram, camada a camada, nesses textos.

A edição crítica de Robbins, que foi professor de grego na Universidade de Michigan de 1912 a 1921, é uma versão bilíngue (grego e inglês) publicada em 1940 e baseou-se numa série de manuscritos do *Tetrabiblos* que se encontram em bibliotecas europeias. As fontes foram cuidadosamente identificadas pelo tradutor na introdução do livro, sendo a mais antiga datada do século XIII. Além desses manuscritos, Robbins usou o mais antigo manuscrito da *Paráfrase*, do século X.

Após uma apresentação de Ptolomeu e sua obra, Robbins apresenta o *Tetrabiblos* como um tratado sistemático de astrologia, lembrando que os termos “astronomia” e “astrologia”, no tempo de Ptolomeu, tinham o mesmo significado. Ele ainda complementa, afirmando que, quando astrologia e astronomia se separaram no século XVIII, a autenticidade do *Tetrabiblos* passou a ser questionada (Robbins, 2001, p. xi). Em seguida, Robbins apresenta dois bons motivos para acreditar na autoria do livro: 1) o triunfo da astrologia no século II (que perdurou até o Renascimento, ou seja, não é incongruente que Ptolomeu acreditasse e escrevesse sobre astrologia); e 2) compatibilidade filosófica, linguística e astronômica com outras obras de Ptolomeu.

Quanto às impressões e traduções, Robbins informa que as três únicas impressões do texto grego foram feitas no século XVI e que a tradução mais

antiga, para o árabe, foi feita por Hunayn ibn Ishaq, no século IX. Ao constatar que há mais traduções do que “textos” do *Tetrabiblos*, Robbins revela uma concepção essencialista de tradução, evidenciando sua pretensão de chegar à “melhor tradição de manuscritos” (ibid., p. xxii). Ou seja, parece que, para ele, uma tradução não é um texto do *Tetrabiblos*, o que vai totalmente de encontro ao posicionamento teórico desta tese. Ao contrário de Robbins, o pressuposto aqui é que ele, como tradutor, e também a sua seleção de manuscritos enquadram-se numa estrutura sistêmica que atende aos padrões vigentes, ou seja, respondem a normas e coerções que se inscrevem num contexto estético-ideológico. Para ele, é como se houvesse uma neutralidade dessa “melhor tradição de manuscritos” e dele também, ao selecioná-los e traduzi-los. É como se as suas escolhas e a sua escrita tradutora não implicassem manipulação textual.

Robbins ainda menciona a tradução para o latim, nos séculos XII-XIII, de Plato de Tívoli e Egídio de Thebaldis, sendo este o principal meio pelo qual a Europa conheceu o *Tetrabiblos* até a primeira edição do texto grego. A primeira edição impressa apareceu em 1484, mas os manuscritos continuaram circulando. Só no século XVI foram feitas as traduções do grego para o latim, por Antonius Gogava (s/d), pelos teólogos Joachim Camerarius (1500-1574), que também era matemático, e Melancton (1497-1560), aristotélico que era braço direito de Lutero, sendo que Robbins considera a de Camerarius a mais importante (ibid., p. xv). Todas essas traduções foram reimpressas várias vezes e em vários lugares, servindo de base para diversos estudos e comentários, o que demonstra a importância do *Tetrabiblos*. Infelizmente, restam poucos manuscritos desses comentários, e Robbins destaca a *Paráfrase* de Proclo como o mais importante de todos os comentários, por seguir fielmente o *Tetrabiblos*, mas não acha que a autoria seja do filósofo neoplatônico.

Robbins cita uma tradução para o inglês de 1710, feita por John Whalley, que foi extremamente criticada pelo tradutor da *Paráfrase*, J. M. Ashmand, em 1822. Essa crítica é corroborada por Robbins, quando ele diz que Ptolomeu realmente é difícil de traduzir, mas que a tradução de Whalley é pior do que as outras, pois disfarça as dificuldades com frases persuasivas, mas pouco confiáveis (ibid., p. xvi). Robbins menciona também as traduções alemãs e lamenta não ter dado tempo de aproveitar as contribuições de Franz Boll e Emilie Boer, que publicaram um estudo do *Tetrabiblos* pouco tempo depois.

Quanto à *Paráfrase*, a sua primeira e única edição, com prefácio de Melanchton, é da Basileia, publicada em 1554. A versão latina padrão é do teólogo grego Leo Allatius, de 1635, e a tradução para o inglês de 1822, de J. M. Ashmand, que é uma das fontes de estudos desta tese, baseou-se nessa versão latina, que se trata, portanto, de uma tradução indireta. Há também em latim um comentário cuidadoso da *Paráfrase* feito pelo matemático, médico e filósofo italiano Jerônimo Cardano, publicado várias vezes de 1554 a 1663.

Há pelo menos 35 manuscritos contendo o texto integral ou parcial do *Tetrabiblos*, sendo o mais antigo do século XIII, dois ou três do século XIV, e a maioria dos séculos XV e XVI (daí a importância da *Paráfrase*, que é anterior a todos eles). Essa abundância de manuscritos, que decerto não têm a mesma origem, revela a importância desse texto e o prestígio de Ptolomeu. Há também vários manuscritos em que Ptolomeu é citado junto com outros autores, sem falar das partes do *Tetrabiblos* que também são citadas por outros autores (por exemplo, Hefáisto de Tebas). Há também alguns manuscritos com traduções latinas ou árabes. Essas fontes fotográficas e fotostáticas dos manuscritos, que foram reunidos por um acadêmico alemão desconhecido, aparentemente incluem os mais importantes (Vaticanus, Parisinus, Oxon. Laud, Norimbergensis, Monacensis, Venetus, Vindobonensis).

No fim da introdução (ibid., p. xx-xxiii), Robbins menciona um problema com a conclusão dos manuscritos, que ele considera um quebra-cabeças: 1) em alguns manuscritos falta a conclusão, e assim o texto foi mantido; 2) em outros forneceu-se uma conclusão idêntica à da *Paráfrase*; e 3) há também os que apresentam um final bem maior que o da *Paráfrase*, mas semelhante em termos de conteúdo geral (versão árabe e Parisinus). O final oriundo da *Paráfrase* é espúrio, o que não significa que o da versão árabe seja genuíno, mas, se não for, o final original do livro pode ter se perdido há tanto tempo, de modo que esteja faltando em todos os manuscritos – o que não é estranho em relação às obras antigas na forma de pergaminho, em vez de rolo. Robbins oferece boas razões para acreditar que Parisinus tenha o final original: 1) a linguagem, em Parisinus, poderia ser a de Ptolomeu, pois é fiel ao seu estilo e compatível com o resto da obra; 2) na *Paráfrase*, o final é obviamente um resumo de Parisinus, e a linguagem de Parisinus, por ser mais tortuosa, sugere a sua anterioridade – afinal, como sustentar que alguém fosse escrever dessa maneira posteriormente?

Para dar conta disso, Robbins apresenta as duas conclusões na sua publicação, acreditando assim estar mantendo a fidelidade à “melhor tradição de manuscritos”, com poucas correções necessárias. Ele ainda informa que fez um cotejo com a segunda edição de Camerarius, por seu estatuto de texto padrão, mas, como ele está cheio de correções e não se baseia na “melhor tradição de manuscritos”, essa nova edição é totalmente independente do trabalho de Camerarius. Sendo assim, seu pressuposto é de que os manuscritos Vaticanus e Parisinus preservam melhor o texto original, sendo muito próximos da *Paráfrase*.

Decerto que toda essa discussão sobre manuscritos pode ser problematizada, especialmente a noção de “fidelidade” que Robbins evoca, mas cabe aqui apenas uma observação de quem está vivenciando as dificuldades de traduzir os primeiros capítulos do *Tetrabiblos*: as duas conclusões, que são bem pequenas, parecem apenas se complementar. Mas uma análise detalhada, inclusive comparando com o mesmo trecho de outras traduções, ainda está por vir.

Além da edição de Robbins, tivemos acesso também à edição crítica de Simonetta Feraboli, do Instituto de Literatura Grega da Universidade de Gênova, que foi publicada pela primeira vez em 1985, pela Fondazione Lorenzo Valla. Além de uma introdução da tradutora, o livro contém um riquíssimo comentário e também um vocabulário técnico. Como ela declara logo no início, sua fonte principal é Franz Boll, responsável por uma série de estudos sobre o *Tetrabiblos* desde o fim do século XIX, inclusive por uma seleção de manuscritos (principalmente Vaticanus gr. 1038, ao contrário de Robbins, que privilegia Parisinus gr. 2425).

Na introdução, além de informar a origem dos manuscritos em que se baseia, Feraboli dedica-se a algumas discussões conceituais e históricas. Inicialmente, inspirada pelos primeiros capítulos do *Tetrabiblos*, a tradutora tece uma série de considerações sobre o que ela chama de “espírito científico” de Ptolomeu, a começar pela diferença entre astronomia e astrologia sugerida logo nos primeiros parágrafos do texto ptolomaico. Desdobrando um pouco mais, ela discorre sobre as “escolas” egípcia e caldaica mencionadas no *Tetrabiblos*; sobre o caráter divinatório e esotérico de grande parte da prática astrológica da época; sobre outros autores contemporâneos de Ptolomeu, como Manilius, Firmicus e Valens; e também sobre questões espinhosas, como a precessão dos equinócios e o prognóstico astrológico. Todos esses temas serão tratados no próximo capítulo,

mas é interessante registrar aqui o elogio feito por Feraboli à inovação de Ptolomeu, que afasta elementos sobrenaturais, tratando a astrologia como fenômeno natural e submetendo-a ao método dedutivo, na melhor tradição aristotélica.

3.5

Rastros do *Tetrabiblos*

De maneira esquemática, o que encontramos sobre o palimpsesto tetrabíblico é o seguinte:

1. O manuscrito grego mais antigo do *Tetrabiblos* que nos restou data do século XIII e trata-se de um dos pelo menos 35 manuscritos espalhados em bibliotecas europeias, que contêm o texto integral ou parcial da obra astrológica de Ptolomeu. Esses manuscritos foram reunidos por um acadêmico alemão desconhecido, incluindo aparentemente os mais importantes (Vaticanus, Parisinus, Oxon. Laud, Norimbergensis, Monacensis, Venetus, Vindobonensis);
2. As três impressões antigas do texto grego são: 1) de 1535, em Nuremberg, pelo teólogo e matemático Joachim Camerarius, que também publicou sua tradução parcial do grego para o latim; 2) de 1553, na Basileia, também por Camerarius, com o texto integral traduzido do grego para o latim por Philip Melanchton; e 3) de 1581, em Leyden, pelo astrólogo Francisco Junctinus;³⁴
3. O neoplatônico Proclo (século V) fez uma paráfrase em grego do *Tetrabiblos*, ou seja, uma tradução intralingual, que é conhecida como *Paráfrase*, cujo manuscrito mais antigo que nos restou data do século X (este é de fato o documento mais antigo referente à obra astrológica ptolomaica que chegou à atualidade). O tradutor de uma das edições críticas do *Tetrabiblos* questiona a autoria de Proclo, mas, após comparar a *Paráfrase* com os manuscritos do *Tetrabiblos* que selecionou para a sua edição, afirma que aquela segue fielmente o texto de Ptolomeu (Robbins, 2001, p. xvi). A tradução mais recente da *Paráfrase* para o inglês foi feita por J. M. Ashmand (1822);

³⁴ Cf. Anexo 4.

4. A primeira tradução interlingual que realmente se conhece do *Tetrabiblos* foi feita do grego para o árabe, no século IX, pelo grupo de Hunayn ibn Ishaq, que atendia a uma farta demanda de tradução astrológica patrocinada pelo próprio Império Árabe;
5. No século XIII, ainda no mundo árabe, mas na região da Espanha, o *Tetrabiblos* foi traduzido do árabe para o latim (trata-se de uma tradução indireta, ou seja, tradução de tradução), por Plato de Tívoli e Gerardo de Cremona, e do grego para o latim, por Hermann da Dalmácia. Os três compõem a imagem do típico tradutor-viajante desta época, ou seja, acadêmicos do mundo latino que se deslocavam para o mundo árabe – onde, como veremos, se encontravam os textos gregos – em busca de novos materiais intelectuais, às vezes sem nenhum patrocínio, movidos apenas pelo desejo de encontrar os “segredos” dos textos e mestres que ali se produziram;
6. Há duas edições críticas e bilíngues do *Tetrabiblos*: a primeira (grego-inglês), de 1940, feita por F. E. Robbins, baseada principalmente em Parisinus; e a segunda (grego-italiano), de 1989, feita por Simonetta Feraboli, baseada nos manuscritos selecionados por Franz Boll (Vaticanus), que foi o responsável por uma série de estudos sobre o *Tetrabiblos* desde o fim do século XIX até a primeira metade do século XX;
7. A recente tradução espanhola (latim-espanhol), de 1985, do astrólogo Demetrio Santos, origina-se do que ele denomina uma “interpretação” de Haly Geber Rodoan, também chamado de Ali ibn Ridwan, médico e astrólogo egípcio bilíngue que viveu no século XI;
8. Encontramos, na Biblioteca Nacional de España, seguindo os rastros deixados por Guy Beaujouan (1969), uma tradução espanhola (analisaremos esse caso mais detalhadamente no último capítulo, mas, provavelmente, trata-se de uma tradução do latim para o espanhol), feita no século XV, por Juan Gil;
9. A tradução para o francês, feita pelo astrólogo André Barbault (1986), é, segundo sua própria denominação, uma “adaptação” para o francês atual da tradução do acadêmico e também secretário de Estado, Nicolas Bourdin, de 1640, que traduziu, do latim para o francês, a já mencionada tradução de Melancton; no prefácio dessa edição, Barbault menciona uma outra tradução francesa mais antiga, cujo manuscrito, pertencente ao rei-astrólogo Carlos V, da França, dataria de 1363;

10. Há outra tradução para o francês, de 1993, da Les Belles Lettres, cujo tradutor se autodenomina A.V., também baseada na tradução de Bourdin. O curioso é que ele não menciona a adaptação de Barbault, mas diz que recorreu às vezes aos textos estabelecidos por Robbins e Boll;
11. Não há notícias sobre uma tradução portuguesa antiga do *Tetrabiblos*, apesar da considerável produção astrológica e tradutória em Portugal na Renascença, provavelmente pelo trilinguismo dos intelectuais portugueses da época, que também escreviam em espanhol e latim; mas, recentemente, a editora portuguesa Sadalsud produziu uma tradução (inglês-português) oriunda da edição crítica de Robbins;
12. Por total impossibilidade técnica, não pudemos nos debruçar sobre manuscritos árabes e edições em outras línguas, como as de Boll, em alemão; entretanto vale registrar a existência desse material, fartamente citado nas fontes pesquisadas.

Como vimos, a bibliografia primária desta tese – o texto original do *Tetrabiblos* – não existe mais, e o documento mais antigo de que se tem notícia é uma cópia da *Paráfrase* de Proclo, do século X. Dessa maneira, tendo em vista que há camadas que se sobrepõem em um texto, como num palimpsesto, principalmente no que diz respeito às diferentes traduções e incorporações, será necessário, para que possamos construir aqui uma biografia do *Tetrabiblos*, identificar essas camadas.

O ponto de partida para examinar a transmissão do *Tetrabiblos* da Antiguidade à Renascença foi uma pesquisa comparativa das diversas traduções do *Tetrabiblos* disponíveis hoje em inglês, italiano, espanhol, francês e português, cujas fontes são diferentes. Seus textos e paratextos informaram-nos sobre o conteúdo e a história do livro. Ademais, um estudo de outros autores e textos astrológicos helenísticos, como Marcus Manilius, Julius Firmicus Maternus, Vettius Valens e Dorotheus de Sidon, também compõem o cenário da astrologia ptolomaica. Essas referências a textos, autores e saberes contemporâneos de Ptolomeu, o lugar onde foram produzidos e o diálogo com os outros elementos contextuais nos ajudaram a construir o primeiro estágio da biografia do *Tetrabiblos*, que será apresentado nos dois próximos capítulos.